

# **Filmar Guimarães: do exótico ao canônico**





Fazer a história dos primórdios do cinema é um exercício em permanente revisão. Por depender dos documentos, a história do cinema dos inícios do séc. XX está sujeita a constantes reavaliações e reconfigurações que podem mudar a qualquer momento. Mas, ao contrário do que alguns leitores possam pensar, os filmes não são os únicos documentos viáveis para se fazer uma história do cinema. Textos escritos, como argumentos, entrevistas ou textos críticos, testemunhos orais ou vestígios arqueológicos, encontrados em estúdios, laboratórios ou salas de cinema, são documentos que complementam uma visão mais abrangente e complexa de todo o fenómeno cinematográfico.

O presente trabalho não poderia ser feito apenas com bases nos filmes, nos documentos fílmicos que foram rodados em Guimarães, pelo simples facto que a maioria esmagadora desses filmes já não existem ou estarem desaparecidos. Com o apoio de outros documentos históricos, foi possível identificar mais de meia centena de filme rodados em 1912 e 1938, mas apenas é possível visionar menos de uma dezena. Se os filmes já não existem, porque as cópias se perderam ou permanecem em localização incerta, outros registam comprovam a sua produção e exibição, como notícias de jornais, catálogos de distribuidoras, programas de exibidores, entre outros.

Muito provavelmente, de acordo com os dados recolhidos até à data da publicação deste texto, o primeiro filme com imagens de Guimarães data da primeira década do século XX. Produzidas pela Gaumont, importante casa produtora francesa, tratam-se de imagens brutas não-editadas, com uma duração total de 4 minutos e 32 segundos, com registos de várias cidades portuguesas, nomeadamente Vila Real, Figueira da Foz, Lagos, Tomar, Évora e Guimarães. O segundo filme conhecido rodado em Guimarães é datado de 1912 e o seu autor foi Simbolino do Nascimento: *Festas de São Torcato em Guimarães*.







A presente investigação confirmou que, de facto, esse filme rodado em Guimarães terá sido captado na Romaria Grande de São Torcato no ano de 1912. Um pequeno artigo publicado no jornal *Imparcial* refere-se à estreia de dois filmes sobre Guimarães no dia 1 de Setembro de 1912 no Salão *Étoile*, uma sala de cinema vimaranense que funcionava na Rua de Gil Vicente desde final de 1910. Segundo o mesmo jornal, estrearam-se nesse dia “dois bellos trabalhos que nos dão uma idéa perfeita do que foram essas grandes festas e romarias”. As festas que o artigo alude são a Romaria Grande São Torcato, realizada no primeiro fim-de-semana de Julho, e as Festas Gualterianas, realizadas no primeiro fim-de-semana de Agosto (*Imparcial*, 2-IX-1912: 3).

Os filmes então apresentados intitulavam-se *Gualterianas* e *Romaria de S. Torcato*. Do primeiro sobre as festas da cidade não resta qualquer registo. Em relação ao segundo, e apesar deste último título não corresponder ao que consta no *Prontuário do Cinema Português*, muito provavelmente trata-se do mesmo filme, sobretudo pela correspondência cronológica e pela habitual falta de rigor na identificação e classificação dos títulos na imprensa da época. Quanto ao primeiro título, não existe mesmo qualquer referência no dito *Prontuário*. Os filmes terão sido realizados pelo “estimado artista portuense Sr. Simbolino do Nascimento”, figura desconhecida no panorama cinematográfico, que, provavelmente, seria um operador de câmara amador ou um menor produtor cinematográfico de então.

Curiosamente, as festas em honra de São Torcato voltariam a chamar a atenção mais uma vez neste período. Depois deste título de 1912, o tema voltava ao cinema em *Romaria de São Torcato*, filme de 1917 da responsabilidade da recém-criada *Invicta Filme*, que seria, nos anos seguintes, a mais importante casa produtora nacional. Fundada no Porto, a *Invicta Filme* vivia um primeiro ano de vida cheio de euforia produtiva e criativa, enriquecendo de forma significativa o seu catálogo de filmes para distribuição em território português e além-fronteiras.

Dos seis filmes rodados em Guimarães até 1918 que foi possível identificar, metade eram subordinados a referências religiosas. Enquanto os dois já referidos foram rodados em São Torcato, o terceiro escolheu como tema a Nossa Senhora da Penha. Cronologicamente, o segundo filme rodado em Guimarães seria *Nossa Senhora da Penha*, rodado em 1915 por autor desconhecido, do qual não sobreviveu qualquer registo fílmico e apenas se conhece a suposta metragem (800 metros).

Os restantes três filmes deste período são três produções de duas das maiores produtoras francesas e mundiais: a Casa Gaumont e a Casa Pathé. Por esses anos, estas produtoras enviavam operadores de câmara por todo o mundo para aumentarem os seus catálogos fílmicos e assim ampliar a oferta aos seus clientes.

Em 1917, a Casa Gaumont enviou a Portugal um operador de câmara para uma missão cinegráfica, cujo objectivo seria percorrer Portugal de Norte a Sul e rodar o máximo possível de fita durante um curto espaço de tempo. A vinda deste operador da Gaumont foi possível devido ao investimento da Repartição do Turismo do Ministério do Fomento, organismo criado em 1911 com objectivos de promoção turística do território português dentro e fora do país.

Entre os trinta e três filmes rodados durante essa estadia de Anatole Thiberville, dois foram rodados em *Guimarães*: *Guimarães e Arredores* e *De Vizela a Caniços*. Do primeiro, rodado na cidade de Guimarães, subsistem apenas alguns minutos de película.









Como atesta esta última imagem, o operador da Gaumont também esteve na Romaria de São Torcato. De resto, o jornal *Ecos de Guimarães* (8-VII-1917: 4) noticiava precisamente que um “snr. Thiberville, operador da conhecida casa Gaumont, de Paris,” esteve na cidade-berço e na vizinha povoação de São Torcato, “com o fim de tirar alguns *films* cinematographicos.” Quatro meses mais tarde, o mesmo jornal (28-X-1917: 4) noticiava o fim da *tourné* de Thiberville e enumerava a lista das terras portuguesas por onde este passara: “Lá foram correr mundo vistas de paisagens, de monumentos, de costumes portugueses, etc., que a casa Gaumont tornou a seu encargo tornar conhecidos.”

No ano seguinte, em 1918, foi a vez da Casa *Pathé* enviar a Portugal o operador de câmara René Moreau com uma missão idêntica à de Anatole Thiberville. Tal como a missão cinegráfica anterior da Gaumont, a vinda a Portugal de um operador de imagem da Pathé também partiu da iniciativa da Repartição do Turismo, que assim pretendia complementar o trabalho de Thiberville e completar um mapa cinematográfico do território português. Curiosamente, Guimarães foi uma das poucas cidades que foram visitadas pelos dois operadores cinematográficos, o que era relevante e significativo em termos do potencial turístico e interesse cultural da própria cidade. Dos vinte e quatro filmes rodados por este operador inclui-se um com imagens de Guimarães, intitulado *Braga e Guimarães*.

Assim, em apenas dois anos, Guimarães passou a integrar os catálogos fílmicos de duas das maiores empresas produtoras e distribuidoras cinematográficas mundiais. A generalidade dos filmes rodados neste período enquadra-se num registo muito próprio, situado entre o filme turístico-lúdico e o filme educativo-cultural. Estes filmes, situados nesse território fílmico pouco definido, tinham simultaneamente a preocupação de documentar cinematograficamente locais e factos e, sobretudo, de promover e difundir um certo “bilhete-postal” dos aspectos paisagísticos mais curiosos e os usos e costumes dos seus habitantes.

Depois deste surto inicial de filmes rodados em Guimarães, os vimaranenses teriam de esperar mais de uma década para voltar a ter imagens cinematográficas da cidade. Entre 1919 e 1928 não foi possível identificar qualquer filme rodado em Guimarães, o que, em rigor, não quer dizer que não tenham existido, apenas que não chegaram

até hoje. Grande parte da produção cinematográfica perdeu-se devido à perecibilidade dos materiais (película) ou à sua reciclagem para usos militares (munições), como aconteceu durante as duas guerras mundiais. A partir de 1929 regista-se um significativo aumento na produção de filmes sobre ou rodados em Guimarães.

Uma medida que potenciou esse aumento da produção foi o decreto n.º 13564 de 6 de Maio de 1927, que ficaria famoso como a “lei dos cem metros”, que tornava obrigatória a exibição de curtas-metragens portuguesas com um mínimo de 100 metros (cerca de 3 minutos de duração). Esta obrigatoriedade pretendia fomentar a produção de filmes portugueses, mas a lei acabaria por ser desvirtuada pelos exibidores, que investiam o mínimo e exibiam repetidamente os mesmos filmes ou constantes remontagens dos mesmos materiais filmados.

Entre 1929 e 1937 foi possível identificar cerca de trinta filmes rodados em Guimarães. Não é portanto estranho que dezanove desses filmes tenham sido produzidos, propositadamente, para aumentar o reportório das revitalizadas companhias de distribuição cinematográfica portuguesas. Só a Lisboa Filme produziu nove desses filmes, enquanto a *Ulyssea Filmes*, a *Aliança Filmes* e a *Filmes Castello Lopes* produziram três filmes cada.

*Lisboa Filme: Porto e Guimarães* (1929); *Margens do Ave* (1930); *Margens do Vizela* (1930); *Aspectos de Guimarães* (1931); *S. Torcato e Guimarães* (1931); *A Catedral de São Torcato* (1933); *Guimarães Terra de Tradições* (1934); *Trechos do Minho* (1934); *Romarias do Norte* (1936).

*Ulyssea Filme: O Castelo de Guimarães* (1933); *Guimarães* (1933); *Guimarães Monumental* (1936).

*Filmes Castello Lopes: Citânia de Briteiros* (1930); *Penha de Guimarães* (1934); *Romarias do Norte* (1934).

*Aliança Filme: Vizela* (1936); *Citânia de Briteiros* (1937); *Caldas das Taipas* (1937).

Todos estes filmes tinham metragens entre os 100 e os 205 metros, ou seja, tratavam-se de complementos cinematográficos destinados a ser exibidos antes da longa-metragem que encabeçava o programa cinematográfico. Todos estes filmes estavam destinados a percorrer o mercado cinematográfico nacional e, porventura, o mercado internacional.

Por vezes, acontecimentos excepcionais eram pretextos para produzir filmes sobre a cidade ou os seus arredores: *Il Corrida da Rampa e Festas Gualterianas* (1931), de produção vimaranense do Centro Fotográfico de Guimarães; *Guimarães—Centenário de Martins Sarmento* (1933) e *Do Porto à Citânia de Briteiros* (1933), ambos produzidos pela Sociedade Ibérica de Construções Eléctricas; *Penha de Guimarães* (1935), de produção desconhecida; e *Festas do Trabalho em Guimarães* (1938), realizado por Salazar Dinis para o Secretariado de Propaganda Nacional, de que se falará mais adiante.

Os temas vimaranenses também interessavam a pequenos produtores independentes que tentavam vender os seus filmes aos grandes distribuidores nacionais e internacionais: *O São Torquato em Guimarães* (1930) de André Pereira de Moura e *Guimarães* (1935), de Amélia Borges Rodrigues são bons exemplos deste expediente.

O caso de Amélia Borges Rodrigues é particular e bastantes interessante. Nascida nos Açores mas radicada no Brasil, Amélia Borges Rodrigues produziu e realizou, entre 1934 e 1937, uma autêntica volta cinematográfica a Portugal que resultaria em 53 filmes sobre diversas localidades portuguesas, entre as quais um sobre *Guimarães* (1935).

Num filme com perto de 6 minutos de que só temos hoje acesso à banda imagem, o filme teria originalmente narração e música, a realizadora e produtora regista as emblemáticas imagens da cidade (castelo, muralha, Campo da Feira) mas também das cercanias da cidade, como o santuário de São Torcato, a Citânia de Briteiros, a Santa Marinha da Costa ou alguns aspectos da Penha. O filme termina com imagens de algumas das peças mais importantes do espólio do Museu Alberto Sampaio, criado em 1928 para albergar as colecções da extinta Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira e de outras igrejas e conventos da região de Guimarães.

















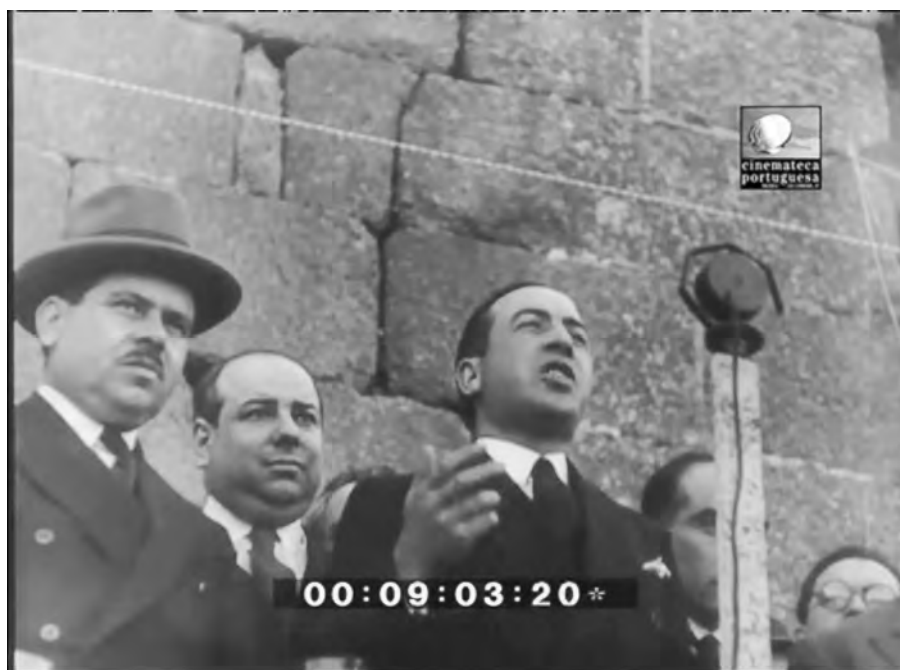


Alguns anos antes, um outro português radicado no Brasil empreendeu uma volta cinematográfica semelhante a Portugal, entre 1925 e 1927, que também passaria por Guimarães. Acompanhado pelo produtor Agesilau de Araújo, Silvino Santos, visitou o concelho vimaranense para aí captar imagens para dois filmes de produção brasileira: *Guimarães* (1929) e *Vizela* (1929). Estes dois filmes integravam um lote de dezenas captados numa espécie de missão cinegráfica que percorreu diversas vilas e cidades portuguesas com o objectivo de integrar a série de actualidades *Revista Mundial*. Mais tarde, em 1934, já de volta ao Brasil, Silvino Santos assinaria o filme *Terra Portuguesa, o Minho*, onde se incluíam imagens de Guimarães.

Finalmente, por encomenda expressa do Secretariado de Propaganda Nacional, foi produzido em Guimarães um único filme de propaganda ideológica directa e declarada ao Estado Novo: *Festa do Trabalho em Guimarães* (1938). Realizado por Salazar Dinis, um experiente técnico cinematográfico, neste filme o grande destaque é dado ao cortejo de celebração ao trabalho nacional, uma comemoração de escala nacional que promovia as virtudes do Estado Novo, por onde desfilaram trabalhadores de várias zonas do norte do país, incluindo associações locais como a Casa do Povo de Ronfe. Para além do “povo trabalhador”, o filme também dá destaque à presença em Guimarães de altos dirigentes do regime, como o caso de António Ferro, o influente Secretário da Propaganda Nacional.







Este filme, e todo o seu contexto de produção, reforça o lugar de Guimarães enquanto património afectivo muito especial para o imaginário estadonovista, nomeadamente enquanto símbolo das origens e das virtudes laborais e sociais da nacionalidade portuguesa. De facto, este lado patrimonial e histórico de Guimarães seria claramente reforçado depois da institucionalização do Estado Novo. Datam deste período os primeiros filmes então designados como “culturais” sobre Guimarães: um registava momentos da cultura popular – *Guimarães Terra de Tradições* (1934) e dois abordavam os monumentos vimaranenses mais simbólicos – *Castelo de Guimarães* (1933) e *Guimarães Monumental* (1936).

### Algumas conclusões

Tematicamente, este *corpus* documental é composto genericamente por filmes com aspectos paisagísticos, onde estão sempre presentes as principais “vistas” locais que serviriam como uma espécie de bilhete-postal da cidade e dos seus arredores. Os temas religiosos também eram recorrentes, com particular destaque para os filmes sobre a figura de São Torcato e sobre as festas em sua homenagem. Os temas mais recorrentes sobre Guimarães continuavam a ser aqueles que teriam mais procura no mercado e que permitiam uma produção mais despreocupada. Mas foi também neste período que surgiram os primeiros filmes com preocupações ditas culturais. Neste género, merece claro destaque a Citânia de Briteiros, que foi motivo, directo ou indirecto, de quatro filmes. Para além de três filmes sobre a estação arqueológica e o seu valor histórico e patrimonial, também o centenário de Francisco Martins Sarmento mereceu a atenção e o registo cinematográfico.

Através desta cerca de meia centena de filmes rodados entre 1912 e 1938, o cinema divulgou, promoveu e popularizou uma narrativa visual sobre Guimarães que começou por ser exótica, devido ao seu cariz único, mas que acabou por se canonizar e criar um estereótipo dominante.

Com a institucionalização do Estado Novo, a partir de 1932, surgem filmes com um teor marcadamente ideológico. Ainda antes do surgimento do *Jornal Português*, uma produção da Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas (SPAC), o único jornal de actualidade português existente neste período (contam-se 95 números produzido entre 1938 e 1949), onde Guimarães seria tema em vários títulos, entre os quais *Centenárias da Fundação e Restauração Nacional em Guimarães* (1940), o Estado Novo consolidou, através do cinema, uma imagem canonizada de Guimarães enquanto “berço da nação”, uma identidade que insistia na importância simbólica do Castelo da Fundação e da Colegiada da Oliveira. Estes dois ícones materiais impuseram-se então, de uma forma muito natural, como um sinónimo de Guimarães, uma identidade visual e uma imagem de marca presente em qualquer filme sobre ou rodados na cidade neste período.